

MUDAR OS BENEFICIÁRIOS

*Cristovam Buarque **

Nada demonstra melhor a falência do processo educacional brasileiro do que o atual debate sobre a gratuidade ou não da universidade. Mesmo nossas elites intelectuais e políticas, ministros, líderes das oposições, das esquerdas ou das direitas, discutem o óbvio, com uma tão gritante incompetência que cabe o direito de perguntar por qual escola eles passaram.

É óbvio que a universidade deve ser paga. Ela é paga. Tudo é pago.

A universidade é paga pelo esforço nacional, que financia seus gastos: que reserva terreno urbano para os campi, que desvia cimento da habitação para fazer prédios nos campi, que compra os equipamentos, que produz os bens que os professores e funcionários consomem, graças aos salários que recebem.

O que estaria em jogo, portanto, não é se ela deve ser paga, mas quem deve pagar por ela.

Mas esta não é a pergunta correta. Porque, é óbvio, para qualquer pessoa medianamente inteligente e decentemente comprometida com a justiça social, que são os beneficiários da universidade que devem pagar por ela.

E é por isto que muitos defendem que a universidade deve ser paga pelos alunos.

Estas pessoas têm um princípio ético que norteia esta opção: elas acham que a universidade existe para beneficiar os alunos e, por isto, é indecente que o povo pague. Assumem, portanto, que o povo nada tem a ver com a universidade. Ela existe para os ricos. Os ricos que paguem por ela.

Para estes, a universidade é como uma bolsa de valores, onde os alunos entram como se fossem ações, para aí serem submetidos à especulação. Esperam 4, 5 ou 6 anos, estudando, e sobrem de cotação.

São pessoas preocupadas com a justiça na distribuição dos custos sociais de manter a universidade; mas que não se preocupam com a justiça de que todos tenham acesso aos benefícios do saber gerado pela universidade. Assumem que este saber, médicos, engenheiros, artistas, filósofos, é um direito da elite e que, por isso, o povo deve ficar excluído e a elite deve pagar por ele.

São pessoas que não entendem de custos das universidades. Elas não sabem que o custo de uma universidade está acima do que qualquer pagaria. Porque são poucos os que poderão pagar US\$5.000 a US\$8.000 por ano de cada filho. E, por isto, a universidade, reduziria tanto o número de alunos, e o custo dos pouquíssimos que poderiam pagar subiria tanto, que, para estes, seria mais barato e mais eficiente estudar no exterior. Como aliás fazia a elite brasileira até o começo deste século, quando o Estado começou a montar universidades nacionais.

É por isso que nenhuma universidade séria, com cursos de medicina, com pesquisas, é paga inteiramente pela mensalidade dos alunos. No Brasil, as universidades particulares sérias sobrevivem graças ao dinheiro público que subsidia os alunos e as pesquisas. Nos EUA, apesar de contribuições de grandes milionários, o financiamento também termina sendo público, especialmente do Pentágono.

Mas entre os que defendem a justiça através do pagamento, nem todos são ingênuos desconhecadores dos custos de uma universidade. Alguns sabem exatamente disto. Eles defendem o pagamento sabendo que o governo vai continuar mantendo a maior parte dos custos, através de subsídios.

O que estes competentes desejam não é que o aluno pague o custo da universidade, mas que cada aluno possa dizer que paga, para, assim,

* — Coordenador da área de Educação do Governo Paralelo.

— Autor do Livro "O Colapso da Modernidade Brasileira".

poder usar a universidade conforme seus interesses particulares. Sem compromisso com o País e a população, que continuarão pagando seus estudos. A universidade se transformará em mais uma negociata, como tantas outras: o governo continuará pagando a maior parte da conta, a classe média retirará seus filhos da universidade ou pagará uma espécie de imposto adicional, e apenas os alunos continuarão com o direito de se beneficiarem dela.

Com a ilusão de que a universidade é paga, mas sem mudar quem realmente continuará pagando, realiza-se a estratégia de impedir que a universidade mude os beneficiários. Isto tem, a ver com o momento em que vivemos. Com a democracia, o Congresso e os governos serão levados a exigir da justiça, acabando com o absurdo atual: de que todos pagam e apenas uns poucos se beneficiam.

Em vez de criar a ilusão de que mudaram os pagadores, a mudança democrática está em mudar os beneficiários.

Isto, a elite não deseja; o governo, que a representa vendendo ilusões, não quer.

Não querem que seus filhos passem pela universidade para depois trabalharem para o País ou para a população marginalizada. Querem que eles saiam de lá como uma ação bem especulada. Por isto precisam privatizar a universidade, sem assumir todos os custos. Criando donos, sem pagar pelo que compra.

Isto se verifica hoje na África do Sul. Com o fim do apartheid, a elite branca descobriu a injustiça de que todos pagam para que apenas os brancos usem as bibliotecas. Em vez de acabarem com a censura, de comprarem livros que interessassem a uma visão diferente da história da África, em nome da justiça, nada mudam, mas passam a cobrar entrada. Não dividem o que foi construído com o esforço de todos. E os poucos negros que entrarem vão ler livros em que são considerados como inferiores. Tudo em nome da Justiça social. Da mesma forma, a elite brasileira defende a Justiça.

É isto o que deseja com a ilusão da universidade paga. Mudar quem paga uma pequena parte dos custos, para não mudar quem se beneficia.

Se se deseja justiça, por que não transformar a universidade em um instrumento de atendimento

das necessidades de conhecimento de atendimento das necessidades de conhecimento que tem o País. Se o Brasil estivesse em guerra, alguém pensaria em cobrar dos filhos dos ricos para irem morrer na frente de batalha? Mesmo em paz, ninguém lembra de propor que a Escola Militar seja paga. Um aluno da aeronáutica, incluindo o investimento, custa mais do que um aluno de medicina. O Brasil precisa de uma Aeronáutica forte, mas por que não precisa de uma saúde, de uma educação, de um sistema habitacional, de uma economia? Então por que os estudantes de defesa nacional, com os de diplomacia têm seus estudos gratuitos assegurados e incontestados, e os de medicina, de engenharia, de direito, também não têm?

O que está errado não é a gratuidade das escolas militares. Estaria errado se os militares estudassem com o sacrifício do povo para depois agirem contra o povo. Neste caso, a democracia não estaria em fazerem os ricos pagarem para seus filhos serem militares e perseguirem o povo e entregarem o País. A democracia estaria em manter a gratuidade da formação militar, criando um exército comprometido com o País e seu povo. Não são todos que desejam ser militares, mas todos têm o direito de exigir que os militares, que se formam e são mantidos pelo povo, cumpram a função de defender o País. Nem todos querem ser médicos, mas todos têm o direito de ter acesso a médicos.

A universidade não fica mais socialmente comprometida se um ou outro filho de pobre recebe bolsa de estudo para depois ser um médico rico. Ela fica comprometida se todos os médicos, com a remuneração digna que isto exige, trabalham pela saúde no País.

Neste sentido, é preciso criticar a defesa da gratuidade, sem mudar a universidade. Muitos querem que a universidade seja grátis, mas que os beneficiários continuem sendo os mesmos.

Mão podemos esperar nada daqueles que propõem o fim da gratuidade dentro da estratégia de se apropriarem da universidade estatal. Mas aqueles que realmente querem a justiça social, em vez de defenderem a mudança dos que pagam, deveriam integrar-se em um movimento de mudança real dos que se beneficiam, propondo uma reforma da universidade gratuita.